

## Notas e Comentários

### Os Animais na Religiosidade Popular

#### 1. OS ANIMAIS NA BÍBLIA

Nas páginas da Sagrada Escritura, do Génesis, ao Apocalipse, aparecem, a cada passo, referências aos animais, os seres da criação mais próximos do homem: No quinto dia, «Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas e todas as aves aladas, segundo as suas espécies»<sup>1</sup>. Na manhã do sexto dia, «Deus disse: que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies»<sup>2</sup>. Na tarde do mesmo dia, disse Deus: «Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que estejam pela terra. A superioridade e domínio do homem sobre os animais vem manifestada nos seguintes termos: «Então o Senhor Deus, após ter formado a terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes»<sup>3</sup>. No plano providencial de Deus, os animais prestam ao homem serviço importante e indispensável.

Antes de fazer cair sobre a terra as águas do dilúvio, o Senhor ordenou a Noé que recolhesse na Arca animais e aves de todas as espécies<sup>4</sup>. Para saber se as águas do dilúvio ainda cobriam a face da terra, Noé soltou um corvo que não voltou mais. Solto depois uma pomba que, não tendo onde pousar, regressou. Quando, passados sete dias, a tornou a soltar, ela voltou, trazendo no bico, um raminho de oliveira, sinal de que as águas tinham deixado a terra livre. Noé e os

<sup>1</sup> Gen. 1, 21.

<sup>2</sup> Gen. 1, 24.

<sup>3</sup> Gen. 2, 190.

<sup>4</sup> Gen. 7, 21.

filhos ao saírem da Arca, foram abençoados por Deus que lhes entregou novamente o domínio sobre os animais.

«Sereis temidos e respeitados por todos os animais da terra, por todas as aves do céu, por tudo quanto rasteja sobre a terra e por todos os peixes do mar; entrego-os ao vosso poder. Tudo o que se move e tem vida servir-vos-á de alimento»<sup>5</sup>.

Estes textos bíblicos mostram a importância que, nos desígnios de Deus, os animais têm na vida do homem. No dizer do Salmo 8, 7-9: «Destes-lhes (ao homem) domínio sobre as obras das Vossas mãos. Tudo puseste debaixo dos seus pés: os rebanhos e os gados sem excepção, até mesmo os animais bravos, as aves do céu e os peixes do mar».

Os animais prestam preciosa ajuda no trabalho, adubação e cultivo dos campos.

A carne, o peixe, o leite e os ovos são elementos fundamentais da nossa alimentação.

A caça e a pesca foram, em todos os tempos, ocupação útil e agradável do homem. A lã e as peles entram em grande parte do nosso vestuário. Os animais representam um factor importante no equilíbrio ecológico da natureza e do mundo.

Nos jardins zoológicos, podemos ver a variedade, riqueza e encanto do reino animal.

Os animais domésticos são um enternecedor exemplo de serviço em dedicação aos seus donos.

A riqueza dos Patriarcas, de que a Bíblia nos fala, são os grandes rebanhos que a bênção de Deus guarda e multiplica.

S. João Crisóstomo, num livro que escreveu para aqueles que se escandalizam e desanimam nas adversidades da vida, diz: É interminável a lista de peixes que vivem nos lagos, nas fontes, no mar ou em águas em que os navios não entram. Impossível seria também enumerar, descrever e classificar as aves que vivem no ar, na terra, na água, nos bosques ou as domésticas, as que servem para a nossa alimentação e as que não são próprias.

Nunca acabáramos de descrever a sua beleza, o canto, a alimentação, os lugares em que habitam, os serviços que nos prestam, o volume é a forma do corpo, a maneira como vivem, se reproduzem e criam<sup>6</sup>.

Realmente o mundo animal é extremamente variado, cheio de beleza e encanto e presta serviços valiosos e indispensáveis à vida do homem.

Em reconhecimento do supremo e absoluto domínio de Deus, o homem sacrificava-lhe animais. A Bíblia distingue minuciosamente os animais em puros e impuros<sup>7</sup>. Era severamente proibido fazer sacrifícios com animais impuros ou utilizá-los na alimentação. O cordeiro tem lugar privilegiado nos sacrifícios do Antigo Testamento. Abel ofereceu, em sacrifício cordeiros dos rebanhos que apascentava, o que agradou ao Senhor<sup>8</sup> obedecendo prontamente à ordem de

<sup>5</sup> Gen. 9, 1-3.

<sup>6</sup> IOHANNES CRYST., *Opera*, III, Paris 1842, 495.

<sup>7</sup> Levítico, 11 e 20, 24-26; Deuterónimo 14, 1-21.

<sup>8</sup> Gen. 4, 4.

Deus, Abraão dispunha-se a sacrificar o filho Isaac. Um anjo suspendeu-lhe o cutêlo e proporcionou-lhe um cordeiro que o Santo patriarca ofereceu em holocausto<sup>9</sup>.

O nosso povo costuma dizer que, tirante a alma, tudo é corpo; querendo significar que a vida corporal do homem e dos animais é muito semelhante. Com a morte, voltam igualmente ao pó da terra. Segundo o Eclesiastes, a morte de um é a morte de outro... Todos saíram do pó e ao pó voltam todos<sup>10</sup>.

A cidade de Nínive, atolada em pecados que bradavam ao céu, estava ameaçada de destruição pela justiça de Deus. O profeta Jonas foi encarregado de pregar aos habitantes o arrependimento e a penitência. A pregação do profeta foi escutada. O rei vestiu-se de saco, prostou-se na cinza e impôs aos habitantes e aos animais jejum rigoroso, Deus perante a conversão e mudança de vida, perdoou misericordiosamente aos Ninivitas.

Jonas não ficou contente com o perdão concedido à cidade: «eu sabia que sois um Deus misericordioso e clemente, paciente, cheio de bondade e pronto a renunciar aos vossos castigos». Pediu ao Senhor lhe desse a morte. Jonas saiu da cidade e sentou-se à sombra duma planta que o Senhor lhe proporcionou para o proteger dos ardentes raios do sol.

Permitiu Deus que a planta secasse, e Jonas, desesperado com os raios do sol, disse: «melhor é para mim morrer do que viver».

Então o Senhor disse a Jonas que ele estava a lamentar o desaparecimento de uma planta cuja existência lhe não tinha dado o menor trabalho nem cuidado. Então não devia Ele o Criador, poupar a cidade de Nínive, onde viviam mais de cento e vinte pessoas e um grande número de animais<sup>11</sup>?!.

A providência misericordiosa de Deus estende-se não só aos homens mas também aos animais:

«Os olhos de todos em Vós esperam,  
e a seu tempo lhe dais o seu sustento:  
apenas abris a Vossa mão,  
saciais com abundância todos os viventes»<sup>12</sup>.

O Salmo 104 é um cântico de agradecimento e louvor a Deus pela obra da Criação e pelo sustento e conservação dos homens e dos animais.

«Todos eles esperam de Vós  
que lhes deis de comer a seu tempo.  
Vós dais-lhes e eles o recolheram,  
abris a Vossa mão e saciam-se de bens»<sup>13</sup>.

«Vós salvais, Senhor, homens e animais»<sup>14</sup>.

Os animais também estão sujeitos à dor e ao sofrimento e não devem ser torturados por capricho e crueldade. Quem maltrata e faz sofrer os animais está

<sup>9</sup> Gen. cap. 22.

<sup>10</sup> Eclesiastes 3, 18.

<sup>11</sup> Jonas cap. 3 e 4.

<sup>12</sup> Salmo 145, 16 s.

<sup>13</sup> Salmo 104, 27.

<sup>14</sup> Salmo 35, 7.

psicologicamente preparado para ser cruel com o próximo. «O justo cuida das necessidades do seu gado, mas as entranhas dos ímpios são cruéis»<sup>15</sup>. Para que não esteja esfaimado diante do alimento, «não açaimarás o boi enquanto ele pisa o grão»<sup>16</sup>.

O descanso ao sábado está prescrito para os homens e para os animais: «Trabalharás durante seis dias, mas no sétimo descansarás a fim de que descanses igualmente o teu boi e o teu jumento»<sup>17</sup>.

Os animais prestam grandes serviços ao homem e, por vezes, com admirável dedicação. Na longa e perigosa viagem empreendida pelo filho de Tobias para fazer a cobrança de avultada soma de dinheiro que deviam ao pai foi acompanhado pelo anjo Rafael que o livrou de muitos perigos e lhe preparou extraordinárias venturas e felicidade. Na passagem do rio Tigre um grande peixe esteve prestes a devorá-lo. Orientado pelo anjo, agarrou-o, extraiu-lhe o fígado e o coração de que preparou remédio com que afugentou o demónio de casa de sua noiva Sara e com que curou a cegueira do pai. Tobias e o anjo foram sempre acompanhados na viagem pelo cão. Quando os pais entristecidos e desesperadas com a longa demora do filho e o julgavam perdido, aparece-lhes o cão fiel em casa a anunciar-lhe a próxima chegada do jovem Tobias. As preocupações e lágrimas transformaram-se imediatamente em alegria.

A burra de Balaão salvou o dono da morte que o anjo estava pronto a dar-lhe por seguir um caminho e ir fazer um trabalho que não era do agrado de Deus. A jumenta deu ao dono uma importante lição<sup>18</sup>.

Os corvos sustentaram o profeta Elias<sup>19</sup>.

Os animais são, às vezes, instrumento da justiça de Deus no castigo do pecado.

As rãs, os mosquitos, as moscas venenosas e os gafanhotos foram algumas das pragas que os egípcios tiveram de sofrer por não deixarem partir o povo de Israel<sup>20</sup>. Os Israelitas, se não cumprirem os mandamentos do Senhor, são ameaçados com o seguinte castigo: «Soltarei os animais ferozes sobre vós e eles privar-vos-ão dos vossos filhos, exterminarão o vosso gado, dizimar-vos-ão, e os vossos caminhos ficarão desertos»<sup>21</sup>.

Um bando de rapazes escarneceram a calvície de Eliseu. O profeta amaldiçoou-os, e logo dois ursos saíram da floresta e despedaçaram quarenta e dois daqueles rapazes<sup>22</sup>.

O povo de Israel, a caminho da Terra Prometida, esquecendo os extraordinários benefícios recebidos, começou a murmurar contra Deus e contra Moisés. Então o Senhor enviou contra eles serpentes ardentes, que mordiam o povo, e muitos morreram em Israel<sup>23</sup>.

<sup>15</sup> Prov. 12, 10.

<sup>16</sup> Deut. 25, 4.

<sup>17</sup> Êxodo 23, 12 e 20, 10.

<sup>18</sup> Números cap. 22.

<sup>19</sup> III dos Reis 17, 4-6.

<sup>20</sup> Êxodo cap. 8 e 10.

<sup>21</sup> Lev. 26, 22.

<sup>22</sup> 4 Reis 2, 23 s.

<sup>23</sup> Números 21, 6.

Animais monstruosos e imaginários aparecem na Bíblia como figura em símbolo de acontecimentos futuros na história da salvação.

Nas visões do profeta Daniel surgem (cap. 7) quatro terríveis animais que figuravam os quatro grandes impérios que precederam a vinda do Messias. No cap. 8, a luta gigantesca do bode e do carneiro completam a visão do capítulo anterior.

Nas páginas do Apocalipse, são vários os casos de animais monstruosos e figurativos:

- a) Os quatro cavalos, cada um com sua cor diferente, que aparecem ao abrir o livro fechado com sete selos (cap. 6).
- b) Os gafanhotos «semelhantes a cavalos aparelhados para a guerra, e cavaleiros montados que tinham cabeças como as de leões e de cujas bocas saíam fumo, fogo e enxofre (cap. 9)».
- c) O dragão que perseguia a mulher que estava para dar à luz (cap. 22).
- d) O aprisionamento de duas perigosas bestas que serviam a causa do dragão (cap. 20).

Uma extraordinária visão esclareceu S. Pedro de que a salvação trazida ao mundo por Jesus Cristo não era apenas para o povo judaico, mas para todos os povos e nações da terra.

O Príncipe dos Apóstolos «viu o céu aberto e um objecto, como uma grande toalha, atada pelas quatro pontas, a descer para a terra».

Estava cheia de todos os quadrúpedes e répteis da terra e de todas as aves do céu. Ouvia uma voz a dizer-lhe: «Pedro, mata e come». Mas Pedro retorquiu: «De modo algum Senhor! Nunca comi nada de profano nem de impuro». Esta visão repete-se três vezes e preparou o Príncipe dos Apóstolos para receber na Igreja o Centurião Cornélio com a família e pessoas amigas<sup>24</sup>.

O profeta Ezequiel viu, na primeira visão, quatro figuras semelhantes a seres humanos que tinham uma face de homem uma face de leão, uma face de touro e uma face de águia<sup>25</sup>.

Numa homilia sobre esta passagem, S. Gregório Magno comenta que estes quatro animais representam os quatro evangelistas como se pode deduzir do princípio de cada um dos Evangelhos. A figura de homem representa S. Mateus porque o seu Evangelho começa pela descrição da árvore genealógica de Cristo e do seu nascimento em Belém. A S. Marcos é atribuída a figura de leão porque, no princípio do seu Evangelho, descreve João Baptista a chamar no deserto e a preparar os caminhos do Senhor. S. Lucas é representado na figura de touro, porque começa o seu Evangelho com a descrição de Zacarias, pai de João Baptista a exercer, no Templo as funções sacerdotais. S. João Evangelista é significado na figura duma águia, porque principia o seu Evangelho, afirmando a divindade do Verbo que se fez carne e habitou no meio de nós<sup>26</sup>.

<sup>24</sup> Act. 10, 9 ss.

<sup>25</sup> Ez. 1, 6 e 10.

<sup>26</sup> GREGORIUS MAGNUS, *IV Hom. Ez.*, in *Obras* (=BAC 170), Madrid 1958,

## 2. JESUS E OS ANIMAIS

Jesus nasceu em Belém, num estábulo de animais. Maria teve o seu filho primogénito que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver para eles lugar na hospedaria<sup>27</sup>.

A primeira notícia do nascimento do Salvador foi dada pelo anjo aos pastorinhos que, na região, guardavam os rebanhos durante a noite. Foram eles os primeiros a visitar o menino Jesus recém-nascido e a levar a boa nova do seu nascimento.

Ao ser apresentado no templo, na cerimónia da Purificação, José e Maria cumpriram a determinação da Lei «de oferecer em sacrifício, um par de rolas ou duas pombinhas»<sup>28</sup>.

Durante os quarenta dias que passou no deserto antes de iniciar a Sua vida pública, Jesus «viviu entre as feras, e os anjos serviam-no»<sup>29</sup>. Multiplicou os pães e os peixes, para dar de comer às multidões famintas<sup>30</sup>.

No Evangelho vêm referidas duas pescas miraculosas efectuadas pelos Apóstolos por ordem do Divino Mestre. A primeira foi durante a vida pública do Senhor e foi tão abundante que as redes, com o peso, se rasgavam e as barcas correram risco de se afundar<sup>31</sup>. A segunda pesca foi no mar de Tiberíades já depois da Ressurreição. Jesus apareceu na praia aos Apóstolos que, toda a noite, tinham andado na faina da pesca, mas sem nada conseguirem. Obedecendo à ordem do Divino Mestre, deitaram novamente as redes ao mar. O resultado foi tão extraordinário que, devido à grande quantidade de peixe, mal podiam arrastar as redes. Ao chegarem a terra, os Apóstolos comeram uma refeição de pão e peixe que o Senhor lhes tinha preparado<sup>32</sup>.

Em comentário, cheio de profundidade e beleza, Santo Agostinho diz que estas duas pescas são a figura e a imagem da Igreja. A primeira representa a Igreja militante durante a sua caminhada terrena e a segunda, a Igreja triunfante já no Céu<sup>33</sup>.

Para fazer o pagamento do tributo ao templo, Jesus manda Pedro pescar no mar um peixe, o qual trazia, na boca, a moeda necessária<sup>34</sup>.

Jesus entrou solenemente em Jerusalém, antes de iniciar a Sua Paixão, sentado num jumentinho e entusiasticamente aclamado pela multidão<sup>35</sup>.

A figura do pastor, das ovelhas e dos cordeiros que aparece frequentemente nos Livros do Antigo Testamento, tem um lugar privilegiado na pregação de Jesus.

<sup>27</sup> Lc. 2, 7.

<sup>28</sup> Lc. 2, 24.

<sup>29</sup> Mc. 1, 13.

<sup>30</sup> Mt. 14, 19-21 e 15, 22-38.

<sup>31</sup> Lc. 5, 4-11.

<sup>32</sup> Jo. 21, 1-14.

<sup>33</sup> AUGUSTINUS, *Tract. in Ioh.* 122, 5-7: CCL 36, 670-672.

<sup>34</sup> Mt. 17, 28.

<sup>35</sup> Jo. 12, 12-19.

Na parábola do Bom Pastor, compara-se a um dedicado chefe e guia do rebanho pronto a sacrificar a vida<sup>36</sup>.

O Bom Pastor em busca da ovelha perdida, através de montes e vales, é uma das mais lindas e comoventes imagens da misericórdia divina com os pecadores<sup>37</sup>.

Como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, assim, no luízo final, se há-de fazer a separação dos justos dos condenados<sup>38</sup>. Jesus compadeceu-se da multidão «pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor»<sup>39</sup>. No Monte das Oliveiras, antes de ser preso, previne os Apóstolos: «Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho dispersar-se-ão»<sup>40</sup>. Adverte-os também das grandes dificuldades que os esperam: «envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos»<sup>41</sup>. E ainda: «Acautelai-vos dos falsos profetas que se apresentam disfarçados de ovelhas mas por dentro são lobos vorazes»<sup>42</sup>.

A paciência e a humildade de Jesus nos sofrimentos da paixão estavam anunciados nas profecias: «Todos andávamos desgarrados como ovelhas, cada um seguia o seu caminho; o Senhor carregou sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado e resignou-se, não abriu a boca; como cordeiro levado ao matadouro, como ovelha emudecida nas mãos do tosquiador, e não abriu a sua boca»<sup>43</sup>.

Depois da Ressurreição, aparecendo aos Apóstolos nas margens do lago de Tiberíades, confiou a Pedro a suprema autoridade na Igreja: «apascenta os meus cordeiros apascenta as minhas ovelhas»<sup>44</sup>. Toda a cautela é pouca com os falsos profetas que se apresentam disfarçados de ovelhas, mas que, por dentro, são lobos vorazes<sup>45</sup>.

O cordeiro vem muitas vezes mencionado no Antigo Testamento. Foi com o sangue do cordeiro pascal que os israelitas, antes de partir do cativeiro do Egipto, marcaram a porta das casas em que habitavam. Nas casas que não estavam assinaladas com o sangue do cordeiro, entrava o anjo que feria de morte os primogénitos das famílias egípcias.

O cordeiro pascal era, segundo S. Pedro, a figura de Cristo. «Sabei que fostes resgatados não a preço de coisas corruptíveis, prata ou ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro imaculado e sem defeito algum»<sup>46</sup>.

João Baptista apontou Jesus à multidão e aos discípulos dizendo: «Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo»<sup>47</sup>. Aos que vivem absorvidos e

<sup>36</sup> Jo. 10, 1-17.

<sup>37</sup> Mt. 18, 12-14.

<sup>38</sup> Mt. 25, 32.

<sup>39</sup> Mt. 9, 36.

<sup>40</sup> Mt. 26, 31.

<sup>41</sup> Mt. 10, 16.

<sup>42</sup> Mt. 7, 15.

<sup>43</sup> Isaías 53, 61.

<sup>44</sup> Jo. 21, 15-18.

<sup>45</sup> Mt. 7, 15.

<sup>46</sup> 1 Pedr. 1, 18 s.

<sup>47</sup> Jo. 1, 29 e 36.

obcecados com os bens terrenos, Jesus recomenda-lhes: «Olhai para as aves do céu: Não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as»<sup>48</sup>.

Na parábola do Bom Semeador, «uma parte da semente caiu à beira do caminho e vieram as aves do céu comeram-na»<sup>49</sup>.

O Senhor lamenta e chora as desgraças e a destruição da cidade santa de Jerusalém: «Quantas vezes quis reunir os teus filhos como a galinha reúne os seus pintainhos sob as asas, e tu não quiseste!»<sup>50</sup>.

No Jardim das Oliveiras, Jesus previne os Apóstolos de que, dentro de momentos, ia ser preso e que eles, atemorizados haviam de o deixar e fugir. Pedro contestou, dizendo que nunca o deixaria e que estava pronto a morrer com Ele. O Senhor advertiu-o de que, naquela noite, antes de o galo cantar, o haveria de negar três vezes. Apesar de todas as promessas e protestos, à porta de Caifás, Pedro nega, por três vezes, o Divino Mestre. Entretanto o galo canta e, recontando a prevenção de Jesus no Jardim das Oliveiras, Pedro chorou, arrependido, o seu pecado. Recordando este episódio da vida de S. Pedro, a figura do galo, encimando a torre das nossas igrejas, convida-nos ao cumprimento pontual dos nossos deveres religiosos.

A pomba é referida sempre com muita simpatia em muitos lugares da Sagrada Escritura. A Noé, recolhido com a família na arca, ela traz com um ramo de oliveira no bico, a boa mensagem de que as águas estavam a deixar livre a face da terra. A esposa dos cantares é comparada muitas vezes, a uma pomba linda e carinhosa. Porém o ponto mais sublime em que ela aparece é no Baptismo de Cristo no Jordão, quando sobre Cristo, ao sair das Águas, o Divino Espírito Santo baixou sobre Ele em forma de pomba<sup>51</sup>.

Cristo, para exprimir a Sua pobreza e despreendimento dos bens terrenos, disse: «as raposas têm as suas tocas e as aves do Céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça»<sup>52</sup>.

Para acentuar a degradação e miséria do Filho Pródigo, a parábola do Evangelho descreve-o a guardar um rebanho de porcos e, cheio de fome, nem sequer lhe era permitido comer das alfarrobas de que os porcos se alimentavam.

Quando, arrependido, volta à casa paterna, o pai para festejar o regresso do filho transviado, ofereceu um banquete e mandou abater o mais gordo vitelo do seu rebanho<sup>53</sup>.

### 3. AVES LENDÁRIAS E BESTIÁRIOS

#### 3.1. A Fénix

Comecemos por uma ave fabulosa, a Fénix, já muito falada antes do Cristianismo. A ela se referiram escritores pagãos como Heródoto, Plínio, Ovídio e Tácito.

<sup>48</sup> Mt. 6, 26.

<sup>49</sup> Mc. 4, 4.

<sup>50</sup> Mt. 23, 37.

<sup>51</sup> Mt. 3, 16 e Lc. 3, 21 s.

<sup>52</sup> Mt. 8, 20.

<sup>53</sup> Lc. 15, 11-13.

Contava-se que, de quinhentos em quinhentos anos, ela vinha das regiões orientais ao Egipto, onde, na cidade de Heliópolis, metida em ninho feito de plantas aromáticas se imolava pelo fogo. Das cinzas desenvolvia-se um verme que, pouco tempo depois se transformava em nova Fénix que regressava às regiões orientais donde tinha vindo.

Outra lenda da Fénix foi apresentada pelos escritores eclesiásticos da Igreja primitiva como símbolo da ressurreição dos mortos.

O Papa S. Clemente I, na sua Epístola aos Coríntios, tratando da ressurreição dos mortos, aduz o exemplo da Fénix<sup>54</sup>.

Tertuliano diz que a Fénix se renova na morte a que voluntariamente se entrega e que é um exemplo da nossa futura ressurreição<sup>55</sup>.

Eusébio de Cesareia faz referência à Fénix que renasce das próprias cinzas. À semelhança da Fénix e como o grão que, ao morrer debaixo da terra, se reproduz em muitos grãos na espiga que dele nasce, assim o imperador Constantino se multiplicou nos filhos que lhe sucederam no governo do império<sup>56</sup>.

Nas obras de Lactância, que viveu na segunda metade do século III e princípios do século IV, vem uma poesia sobre a Fénix, embora, segundo alguns críticos, ela não seja da sua autoria<sup>57</sup>.

Na arte cristã dos primeiros séculos, a Fénix aparece frequentemente representada em mosaicos, moedas, frescos, epitáfios, etc.<sup>58</sup>.

#### 3.2. O Pelicano

É uma ave volumosa que vive à beira das águas do mar, dos rios e dos lagos. Alimenta-se sobretudo de peixe. Recolhe-os numa bolsa que tem no peito para sustentar os filhos pequeninos.

A imaginação popular transformou esta qualidade típica do pelicano dizendo que ele rasga o peito para alimentar os filhos com o seu sangue.

Assim o pelicano é considerado como figura de Cristo, que deixou abrir o peito e o coração para nos salvar com o seu sangue.

Para melhor compreensão da lenda do pelicano, transcrevemos do antigo livro *Physiologus*:

«Mais que todas as aves, o pelicano é apaixonado pelos filhos. A fêmea choca os ovos no ninho, acarinha os filhos, fere-os com muitos beijos, trespassa-lhes o peito e eles morrem. Três dias depois, aproxima-se deles o pelicano macho e encontra-os mortos. Angustiado e cheio de dor, fere e perfura o próprio peito donde corre sangue que derrama sobre as feridas dos filhinhos que assim voltam à vida.

Também Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem a lança abriu o lado de que saiu imediatamente sangue e água, derramou sobre os filhos mortos, isto

<sup>54</sup> Cf. CLEMENS ROMANUS, *I Ep. Cor.*, in PG I, 262-266.

<sup>55</sup> TERTULIANUS, *De Resurrectione Mortuorum*, (XIII), in CCL 2, 936.

<sup>56</sup> Cf. EUSEBIUS CAESAR, *De Vita Constantini* 72, in PG 20, 1227.

<sup>57</sup> LACTANTIUS, *PG.*, 7, 277-284.

<sup>58</sup> Ver no estudo de H. LECLERCQ, *Phénix*, in *DAFL*, XIV/I, Paris 1939, 682-691.

é, sobre Adão e Eva, os profetas e todos os mortos. Iluminou todo o mundo e com os três dias da sua sepultura e com a sua ressurreição trouxe-os de novo à vida. Por isso, disse pelo profeta: Sou semelhante ao pelicano do deserto. (Salmo 101, 7)».

Outra variante da lenda do pelicano diz simplesmente que ele rasga o peito para alimentar com o seu sangue os filhos pequeninos.

Santo Agostinho, em comentário à referida passagem do Salmo 101, diz «que esta ave, se é verdade o que se diz, tem grande semelhança com a carne de Cristo com cujo sangue somos santificados»<sup>59</sup>.

Num dos hinos da festa do Santíssimo Sacramento, escreve S. Tomás de Aquino:

«Piedoso pelicano Senhor Jesus,  
lava a minha impureza com o teu sangue».

Dante, na Divina Comédia, canto 25 do *Paraíso*, refere-se àqueles que descansam sobre o peito do Divino Pelicano. A arte cristã embelezou as nossas igrejas, altares, cálices, cibórios e paramentos com a figura do pelicano.

### 3.3. Bestiários

Desde os primeiros séculos do Cristianismo, começaram a surgir livros que, por ordem alfabética, apresentavam os animais como símbolo da vida religiosa e moral dos fiéis. Esses livros são conhecidos pelo nome de Bestiários e atingiram a maior expansão na Idade Média. Portugal acompanhou o movimento que animou a cristandade medieval<sup>60</sup>.

O primeiro e mais importante livro deste género foi o *Physiologus*, publicado, por vezes com variantes, em várias línguas do mundo cristão. O seu autor é desconhecido e não se pode precisar a data do seu aparecimento.

A opinião dos estudiosos varia entre o século segundo e o século quarto. O *Physiologus* teve influência decisiva no aparecimento e evolução literária dos bestiários que, por sua vez, tiveram profunda repercussão na vida religiosa, espiritual e artística da Cristandade<sup>61</sup>.

Famoso foi também o livro *De Bestiis et Aliis Rebus*, falsamente atribuído ao teólogo escolástico de S. Victor<sup>62</sup>. Nesta obra se inspirou o autor do *Livro das Aves*, enriquecido com preciosas iluminuras, que pertenceu ao Mosteiro de Lorvão e hoje se encontra na Torre do Tombo.

## 4. OS ANIMAIS NA VIDA DOS SANTOS

«O homem, redimido por Cristo e feito nova criatura no Espírito Santo, pode e deve armar as coisas criadas por Deus. De Deus as recebe, e

<sup>59</sup> AUGUSTINUS, *Enarrationes in Psalmis*, in PL 37, 1299.

<sup>60</sup> Ver MÁRIO MARTINS, *Estudos de literatura medieval*, 379-393, *Id.*, *O livro das Aves*, in *Brotéria* 57 (1963) 413-416.

<sup>61</sup> Ver texto do *Physiologus*, in PG 43, 517 ss. Ótimo estudo sobre o livro feito por RUDOLF HANSLIK, in *Real-Encyclopadie der Classischen Altertum—Wissenschaft* XX/1, col. 1074-1129.

<sup>62</sup> PL 177, 14-112.

deve vê-las e respeitá-las como objectos saídos das suas mãos. Dando graças por elas ao benfeitor, usando e gozando das criaturas em pobreza e com liberdade de espírito, entra verdadeiramente na posse do mundo como quem nada tem mas tudo possuindo»<sup>63</sup>.

Estas normas dadas pelo II Concílio do Vaticano servem de orientação no uso e convivência com as criaturas que saíram das mãos de Deus. Os animais são as mais próximas do homem e não é pois de admirar que os santos tivessem com eles especial atenção.

Para não sermos longo e fastidioso apresentaremos apenas os casos que nos parecem mais expressivos da piedade popular, embora alguns deles, embelezados pela lenda e imaginação das multidões, sejam destituídos de fundamento histórico<sup>64</sup>.

S. Brás, bispo de Sebaste, na Capadócia, retirou-se, por causa da perseguição de Diocleciano, para uma gruta, levando vida eremítica. As aves do céu traziam-lhe alimento e só o deixavam depois de as ter abençoado. Porque tinha exercido a medicina, as feras e os animais doentes vinham a ele para que os tratasse e curasse. Esperavam mansamente em volta da gruta que ele terminasse as suas orações. Um dia, o governador imperial da Capadócia mandou buscar feras à floresta para os jogos do circo, em que os cristãos eram muitas vezes devorados. Os homens encarregados desta missão viram, com espanto, em volta da gruta, grande número de animais ferozes que aguardavam que o santo terminasse as orações, os tratasse e aliviasse dos seus males. Prenderam-no então e levaram-no para o cárcere, onde, enquanto não foi martirizado continuou a fazer grandes milagres. Um lobo, que tinha arrebatado a uma pobre mulher um porco, tornou-lho a restituir por ordem do santo. Na cadeia, salvou também um jovem que estava em risco de morrer com uma espinha de peixe atravessada na garganta<sup>65</sup>.

De S. Mamede se contam também coisas extraordinárias no trato com os animais. Durante o tempo em que viveu retirado na montanha, sustentava-se com o leite das corças, cabras e outros animais selvagens que vinham ter com ele. Do leite fazia queijos para ele comer e dar aos pobres. Convivia com animais ferozes como se estivesse no meio de cabritos e cordeiros. As feras a que, por diversas vezes, os perseguidores o lançaram nunca lhe fizeram o menor mal e tomavam até a sua defesa.

S. Gregório Magno fez uma homilia em Roma, na Basílica de S. Mamede, no dia da sua festa. Faz considerações admiráveis sobre a paciência com que devemos suportar os sofrimentos da vida, mas nada nos diz sobre a vida do santo<sup>66</sup>. Vem a propósito dizer que a piedade popular invoca este santo quando as mães, mulheres ou animais, não têm leite para amamentar os filhos.

<sup>63</sup> II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO, Const. Dog. *Gaudium et Spes*, n.º 37.

<sup>64</sup> Ver HIPPOLYTE DELEHAVE, *Les Légendes Hagiographiques*, Bruxelas 1927.

<sup>65</sup> Ver a vida do santo, PAUL GUERIN, *Les Petits Bollandistes, Vie des Saints*, II, 226-230.

<sup>66</sup> Cf. GREGORIUS MAGNUS, *Obras* (=BAC 170), Madrid 1958, 724-731.

Em Cambezes, Montalegre, há uma imagem de S. Mamede a que a gente da região recorre, com grande confiança quando uma mulher ou um animal não tem leite para amamentar o filho. Com uma garrafa de leite, lavam-se os pés da imagem do santo e a lavagem é tomada como remédio eficaz.

Em Argeriz, Valpaços, quando uma mulher dá à luz, logo que lhe seja possível, vai à igreja e esguicha o leite para a imagem de S. Mamede, padroeiro da freguesia.

Em Vila Real, no lugar de S. Mamede onde existe uma capelinha em honra do santo, as mães lactentes recolhem ervas para mastigar como remédio eficaz para lhes não faltar o leite materno.

Esta curiosa devoção vem da analogia e afinidade do nome do santo com a palavra mamar. Casos semelhantes se verificam com o nome doutros santos.

Santa Luzia, simplesmente por causa do seu nome, é invocada nas doenças dos olhos para nos dar a luz da vista e nos livrar da cegueira.

Com frequência se ouve formulár este voto à cerca de criancinhas que comecem a querer falar: «que Santa Clara dê fala e voz clara ao menino».

A Santo Expedito, por causa do nome, pede-se que dê andamento aos problemas urgentes e difíceis.

Na vida de alguns mártires se conta que, lançados às feras, elas, longe de lhes fazer mal, lambiam-lhes os pés e festejavam-nos com outras manifestações de respeito e afecto.

Santa Eufémia, lançada num covil de animais ferozes, foi por eles acari-ciada e, com as caudas entrelaçadas, formaram uma espécie de cadeira em que a santa se pudesse sentar e repousar<sup>67</sup>.

Casos semelhantes se podem ler na vida de S. Vito, Santa Martinha, Santa Blandina, Santa Prima e Felecidade, S. Pantaleão.

Santo Antão nasceu no Egipto, em meados do século II, de família abastada, mas, renunciando aos bens terrenos, levou vida eremítica na Tebaida. Já com noventa anos, veio-lhe um dia o pensamento de que certamente não haveria ninguém que, com aquela idade, levasse vida tão santa. Durante a noite, fez-lhe Deus saber em sonhos que vivia na região um anacoreta mais velho e mais santo. De manhã cedo, levantou-se e foi à procura do homem solitário que, em sonhos, lhe havia sido indicado. Depois de longa e penosa viagem, encontrou S. Paulo Eremita que tinha então cento e treze anos, e que havia noventa, se tinha entregue ao serviço do Senhor naquele ermo. Passaram um dia em santa conversação e, a certa altura, poisou junto deles um corvo que lhes trouxe um pão para comerem.

Segundo informou S. Paulo Eremita, aquele corvo havia sessenta anos que lhe trazia todos os dias meio pão, mais que, naquele momento, trazia um pão inteiro para os dois comerem. Anuindo à vontade de S. Paulo, Santo Antão regressou ao lugar em que levava vida penitente. Passados poucos dias, voltou a procurar S. Paulo e encontrou-o de joelhos, com as mãos levantadas para o céu. Julgou, a princípio, que o santo rezava, mas verificou depois que estava morto.

Recitou ele as orações rituais dos defuntos e quis dar-lhe sepultura. Viu-se no entanto impedido de o fazer, por não ter com que abrir a cova. Apareceram

logo dois leões que se prostraram respeitosamente diante do cadáver de S. Paulo e começaram a soltar grandes rugidos, chorando, à sua maneira, a morte do santo. Depois, com as patas, abriram a sepultura onde o corpo do santo foi depositado. Santo Antão abençoou e despediu os leões que se afastaram prontamente<sup>68</sup>. Santo Antão é considerado na piedade popular como protector e «advogado» dos animais domésticos, especialmente do porco. Havia em muitas freguesias o costume de se comprar um pequeno porco e punha-se-lhe uma campainha ao pescoço. O porco andava pelas ruas e toda a gente cuidava do seu sustento. Era conhecido pelo porco do santo e, em estando cevado, vendia-se. O produto da venda gastava-se na festa do santo. Este costume existe ainda em terras do Barroso.

Na Itália, especialmente em Roma, fazia-se, em tempos passados, no dia de Santo Antão, a benção dos animais domésticos e organizavam-se corridas de cavalos que levavam na frente uma medalha de Santo Antão.

Santa Maria Egípcíaca levou vida de grande penitência no deserto, e quando morreu, houve enorme dificuldade em lhe dar sepultura. Surgiu então um leão que, depois de ter aberto a cova, se retirou mansamente<sup>69</sup>.

Na vida de S. Jerónimo, há uma lenda maravilhosa sobre um leão. Estava um dia S. Jerónimo reunido com os irmãos a ouvir uma leitura espiritual. De repente, surgiu no meio deles um leão com uma pata gravemente ferida. Os irmãos fugiram, mas S. Jerónimo aproximou-se dele e tratou-lhe as feridas com o maior cuidado. O leão ficou tão reconhecido que ficou a viver na comunidade como um manso animal doméstico e prestando ótimos serviços<sup>70</sup>.

O corvo figura na vida de vários santos, servindo-os e levando-lhes alimento, como já referimos a respeito do profeta Elias e de S. Paulo Eremita. Um corvo sustentou Santo Erasmo, durante o tempo em que ele se retirou para o Líbano, fugindo à perseguição de Diocleciano.

O corpo de S. Vicente, depois de ter sido martirizado, foi exposto às feras e aves de rapina, mas um corvo não deixou que o devorassem. Por causa da invasão dos árabes, as relíquias teriam sido transferidas para o Algarve e depositadas no Promontório Sacro, que depois ficou a chamar-se Cabo de S. Vicente. Uma igreja foi ali construída em honra do santo. Bandos de corvos sobrevoaram-na e, por esse motivo, cristãos e mouros lhe chamavam a Igreja dos Corvos.

Quando as relíquias foram transferidas, por via marítima, para Lisboa, no tempo de D. Afonso Henriques, dois corvos, segundo se conta, um na proa e outro na popa, acompanhavam-nas durante a viagem.

Deram a S. Bento um pão envenenado para o matar, mas um corvo, que o santo sustentava, retirou-o para longe.

S. Meinrad, monge do fim do século VIII, levou vida eremítica no lugar em que, mais tarde, foi construído o célebre mosteiro de Einsiedeln. Dois ladrões, a que o santo dera alimentação e hospedagem, assassinaram-no. Segundo a lenda, dois corvos que o santo criava e que com ele viviam, perseguiram os ladrões e proporcionaram a sua prisão.

<sup>68</sup> HIERONYMUS, *Vida de S. Paulo Eremita*, in PL 23, 17-28.

<sup>69</sup> *Leggenda Aurea*, I, 286.

<sup>70</sup> *Leggenda Aurea*, II, 247 ss.

<sup>67</sup> JACOBO DA VORAGINE, *Leggenda Aurea*: edição francesa: *La Légende Dorée*, II Paris, Garnier-Flammarion, 210.

Santo Eustáquio, oficial superior do exército de Trajano, andava à caça quando lhe apareceu sobre um rochedo um veado que tinha nos chifres uma imagem brilhante de Cristo Crucificado. Converteu-se e, como lhe tinha sido anunciado, começou para ele uma vida de pobreza e de humilhações coroada finalmente com o martírio. É o padroeiro e advogado dos caçadores.

Santo Humberto foi, no século VII, bispo de Liège e o apóstolo das Ardenas. Na Idade Média, embelezou-se também a sua vida com a história do veado com a imagem de Cristo crucificado nos chifres. Por isso, ele é, nos Países Baixos e no Reno, o padroeiro dos caçadores e o protector dos cães de caça contra a raiva e a mordedura das serpentes.

É bem conhecido o episódio da vida de D. Fuas Roupinho, famoso guerreiro do reinado de D. Afonso Henriques. Andava à caça e perseguia um veado que lhe apareceu, à beira do mar, no lugar em que se encontra hoje o lindo santuário de Nossa Senhora da Nazaré. De repente, viu-se sobre um precipício, prestes a cair nas ondas do mar. O veado, disfarce do demónio, precipitou-se no oceano. Notando o perigo, D. Fuas invocou Nossa Senhora da Nazaré e, por milagre, o cavalo estacou a tempo. D. Fuas Roupinho, para perpetuar o seu reconhecimento à Virgem Santíssima que lhe salvara a vida mandou ali construir uma capela.

## 5. OS ANIMAIS NA ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA<sup>71</sup>

O amor às criaturas por terem saído das mãos de Deus é uma das características da espiritualidade do pobrezinho de Assis, que lhes chamava irmãs.

Uma das mais belas expressões desta espiritualidade é o Cântico das Criaturas: «Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas».

Chamava irmãos a todos os animais, embora preferisse os mansos<sup>72</sup>.

Pregava às avezinhas do céu, dizendo-lhes que muito tinham que louvar a Deus por lhes ter dado penas para se cobrir e asas para voar. Apesar de não semear nem colherem, o Senhor as protegia e guiava, libertando-as de preocupações. Ao ouvirem estas palavras, as avezinhas manifestaram a sua alegria conforme podiam: alongando o pescoço, espanando as suas asas, abrindo o bico e olhando para ele<sup>73</sup>.

Um casal de pintarroxos vinha ter com Francisco e os irmãos, quando tomavam as refeições. Sempre bem acolhidos, apareciam todos os dias e, mais tarde, com os filhitos, entravam e saíam com inteiro à-vontade como se fossem da casa.

Tinha especial predilecção pelas cotovias, porque a «irmã cotovia tem capelo como os religiosos e é pássaro que anda pelos caminhos à cata de comida». Também elas correspondiam à afeição do santo e assim «antes do cair

<sup>71</sup> Nestas considerações, servimo-nos especialmente do livro = FRANCISCO DE ASSIS, S., *Fontes Franciscanas - Escritos - Biografias - Documentos*, Braga, Editorial Franciscana, 1982, e também das *Florinhas de S. Francisco*.

<sup>72</sup> *Ibidem*, 451.

<sup>73</sup> *Ibidem*, 255.

da noite, em que o bem-aventurado Francisco morreu, um bando de cotovias volteava em círculos, cantando, pouco acima do tecto da casa onde ele jazia moribundo».

Um faisão oferecido ao santo afeição-se-lhe de tal forma que, levado para longe, regressava imediatamente para junto dele.

Um falcão, que tinha nas proximidades do eremitério do Monte Alverne, ligou-se a S. Francisco com extraordinária dedicação: Todas as noites, à hora em que costumava levantar-se para rezar o ofício divino, o irmão falcão punha-se a cantar e a fazer barulho para o acordar e chamar à oração. Se porém o santo estivesse adoentado, não fazia qualquer barulho.

Estando S. Francisco no Convento da Porciúncula, viu uma cigarra no ramo duma figueira que estava ao pé da cela em que morava. Estendeu-lhe a mão e disse: «anda cá, irmã cigarra». Imediatamente ela lhe saltou para a mão. Convidou-a a cantar, o que ela fez prontamente, enquanto o santo, louvava o Senhor. Durante uma semana, a cena repetia-se até que S. Francisco a despediu e ela não tornou mais a aparecer.

Segundo Tomás de Celano, «afastava do caminho os vermes para não serem pisados e às abelhas mandava-lhes servir mel e vinho do melhor».

As *Florinhas de S. Francisco*, cap. XX, descrevem como S. Francisco livrou a cidade de Gúbio dum lobo feroz que devorava homens e animais. O santo procurou-o e, depois de lhe ter feito as suas recomendações, estabeleceu um pacto entre o irmão lobo e a população.

O lobo nunca mais deu qualquer prejuízo. Entrava mansamente nas casas dos habitantes de Gúbio que lhe não recusavam a alimentação necessária. A piedade de S. Francisco extasiava-se diante do presépio que representava o estábulo de animais em que Jesus tinha nascido na maior pobreza. Organizou o célebre presépio de Grecio, em que não faltava a manjedoura cheia de feno para alimentar o boi e o jumento. Queria pedir ao imperador que publicasse uma lei para que, nas cidades e nas aldeias, no dia de Natal, se espalhassem pelos caminhos cereais para que as irmãs cotovias e outras aves tivessem de comer em abundância. Que, em recordação do nascimento de Jesus no presépio de Belém, fosse dada aos animais forragem abundante no dia de Natal.

Da ordem franciscana, contemporâneo de S. Francisco, era o grande taumaturgo Santo António de Lisboa. Lembramos dois grandes milagres da sua vida passados com os animais. O primeiro vem referido no capítulo 40 das *Florinhas de S. Francisco* e ocorreu na cidade de Rimini, onde havia grande multidão de hereges que recusavam ouvir a pregação do nosso santo. Dirigiu-se então à beira do mar, no lugar onde desaguava um rio, e ali fez uma pregação aos peixes. Acudiram eles em grande número «e todos levantavam as cabeças fora da água e estavam atentos com grandíssima paz, mansidão e ordem». Admirados com este milagre, os habitantes da cidade acorreram à pregação do santo taumaturgo, e os hereges que havia na cidade converteram-se. O outro milagre teve lugar, segundo alguns dos seus biógrafos, na cidade de Toulouse, no sul da França. Havia ali um herege contumaz que não acreditava na presença real de Jesus na hóstia consagrada. Depois de longas e inúteis discussões, Santo António fez-lhe a seguinte proposta: se a tua mula se prostrar em adoração diante da hóstia consagrada, acreditas no Santíssimo Sacramento do altar? O herege acei-

to. Durante dois dias não deu qualquer alimento ao animal e depois levou a mula a uma praça cheia de gente e pôs-lhe abundante ração de aveia. Chegou Santo António com a hóstia consagrada e a mula, deixando a comida, foi prostrar-se de joelhos diante da Santíssima Eucaristia, levantando-se somente quando o santo lhe mandou. Perante tão grande milagre, o herege converteu-se.

## 6. OUTROS CASOS DE ANIMAIS NA VIDA DE SANTOS

S. Bento, quando sua irmã Santa Escolástica, fundadora das beneditinas, morreu, viu a alma dela subir ao céu em forma de pomba<sup>74</sup>.

Quando a mãe de S. Bernardo aguardava o nascimento do filho, viu, em sonhos, um cão branco, com dorso vermelho a ladrar com grande força. Isto significava que o filho a quem estava para dar à luz, teria, na igreja, uma acção importante com a pregação da palavra de Deus e pela sua intervenção nos grandes problemas do seu tempo.

Também à mãe de S. Domingos, antes de dar à luz, foi revelado, numa visão que traria no seio um cão com o facho luminoso na boca. Significava isto que o menino que estava para nascer havia de iluminar o mundo com a pregação da palavra de Deus e com a fundação da Ordem dos Pregadores.

S. Roque nasceu em Montepelier (França) no século XII. De família abastada, depois da morte dos pais, distribuiu pelos pobres boa parte dos seus haveres e seguiu em peregrinação para Roma, ali viveu durante alguns anos, exercitando a caridade sobretudo no tratamento dos doentes. De regresso à pátria adoeceu com a peste e, para não contaminar ninguém, retirou-se para uma floresta nas proximidades da cidade de Placência. Não morreu de fome porque um cão que pertencia a um senhor abastado lhe trazia todos os dias um pão que tirava da mesa do dono. Este, intrigado com o procedimento do animal, seguiu-o pela floresta e assim foi encontrar S. Roque gravemente doente a quem tratou com a maior caridade e dedicação.

Santa Margarida de Cortoua levou uma mocidade escandalosa em pública mancebia com um abastado fidalgo. Um dia em que o amante tardava em regressar a casa, um cão que o tinha acompanhado, veio ter com Margarida e não a largou enquanto ela o não seguiu. Levou-a a um lugar escondido onde estava o cadáver do amante assassinado. Profundamente impressionada e tocada pela graça de Deus, arrependeu-se, começou uma vida de penitência e tornou-se uma grande santa.

Santo António Maria Claret viveu no século passado e deixou-nos lindas considerações sobre o galo, o burro e o cão. À maneira dos *Bestiários*, refere as qualidades próprias destes animais e apresenta-as como exemplo para a vida espiritual. Transcrevemos apenas o que ele diz a respeito do cão «cães mudos incapazes de ladrar» (Is. 56, 10).

O cão é um animal tão fiel e constante companheiro do dono de quem nem a miséria, nem a pobreza, nem os trabalhos, nem coisa alguma é capaz de o separar do dono. O mesmo devo eu fazer, tão fiel, não constante

<sup>74</sup> *Leggenda Aurea*, I, 244.

hei-de ser no serviço e o amor de Deus que possa dizer com o Apóstolo que nem a morte, nem a vida, nem outra qualquer coisa me possam separar do amor de Deus. O cão é mais leal que um filho, mais obediente que um criado e mais dócil que um menino. Não só faz voluntariamente o que o amo lhe manda, mas até olha para a cara do amo para lhe conhecer os desejos e a vontade para lhes dar cumprimento sem esperar ordens. Tudo faz com a maior prontidão e alegria. Torna-se participante das afeições do dono, de forma que é amigo dos amigos dele, e inimigo dos seus inimigos. Também eu devo pôr em prática estas belas qualidades no serviço de Deus, meu querido Senhor. Sim, gostosamente farei o que me mandar e executarei com prontidão e alegria tudo quanto lhe comunicar por intermédio dos seus representantes, que são os meus superiores. Serei amigo dos amigos de Deus e tratarei os inimigos como ele disser, ladrando contra as suas maldades para que desistam delas. O cão vigia de dia e durante a noite redobra a vigilância. Guarda a pessoa do dono e as coisas que lhe pertencem. Ladra e ataca todos aqueles que podem prejudicar o dono e os seus interesses. Também eu devo vigiar continuamente e falar contra os vícios, culpas e pecados contra os inimigos da alma. O cão o maior gosto que tem é estar e andar sempre na presença do amo. Também eu procurarei andar sempre, com gosto e alegria na presença de Deus, meu querido Senhor, e assim nunca pecarei e serei perfeito, segundo aquela palavra: «Anda na minha presença e sê perfeito» (Gn. 17, 1)<sup>75</sup>.

S. João Bosco, um santo do nosso tempo, foi por diversas vezes defendido por um cão misterioso *il Grigio* (o Pardo) que o livrou de assassinos que tentavam tirar-lhe a vida. Um dia o cão deitou-se na soleira da porta e, furioso, não deixou que D. Bosco saísse. Entretanto, pessoas amigas vieram avisá-lo que não saísse porque havia quem estivesse à sua espera para o matar. Quando as tentativas de morte cessaram, o cão misterioso nunca mais se apresentou<sup>76</sup>.

O demónio, para mais facilmente tentar as almas, toma, por vezes, a figura de animais. No paraíso terreal, tentou Eva em forma de serpente. A cabeça da serpente infernal, conforme a promessa de Deus aos nossos primeiros pais, seria esmagada pelo calcanhar da mulher bendita que havia de trazer-nos a salvação. Muitas imagens de Maria Santíssima são apresentadas com a figura da serpente calcada aos pés.

O dragão é outro símbolo do demónio. Daniel matou o dragão que os babilónios adoravam. Por isso, foi lançado vivo na cova dos leões que, apesar de esfaimados, o não comeram nem molestaram<sup>77</sup>.

No Apocalipse (capítulo 12) descreveu-se a luta do dragão infernal contra a Maria Santíssima, e também a vitória alcançada pelo Arcanjo S. Miguel.

A vida de S. Jorge, soldado romano e mártir do século IV, chegou até nós embelezada pela lenda do dragão que comia os habitantes de certa cidade, na Líbia. S. Jorge lutou com ele e pôs termo ao flagelo. O demónio é conhecido na linguagem popular como o «porco sujo» e representado em forma de mor-

<sup>75</sup> ANTONIO MARIA CLARET, S., *Escritos autobiográficos y espirituales* (=BAC 188) 376-378.

<sup>76</sup> A. AUFRAY, *Vida de S. João Bosco*.

<sup>77</sup> Dn. 6.

cego com grandes chifres, serpentes e outros animais nojentos. É bem conhecida a história da dama de pé de cabra (o demónio) que vem contada nos livros de linhagem medievais e que Alexandre Herculano desenvolveu nas *Lendas e Narrativas*<sup>78</sup>.

Também se conta, na vida de S. Bento, que, um dia uma ave negra começou a voar de volta dele a perturbá-lo na oração e união com Deus. O santo fez o sinal da cruz e a ave negra desapareceu imediatamente<sup>79</sup>.

Os animais vivem com o homem no universo em que Deus o colocou como rei da criação, e prestam-lhe inestimáveis serviços. Não é pois de admirar que, na sua piedade, agradeça a Deus a ajuda e benefícios que, por meio deles, recebe durante a vida terrena. Ainda se conservam inúmeras expressões de piedade popular relativamente aos animais, embora as modernas explorações pecuárias, pela forma como estão organizadas, não as tornem tão fáceis. Ainda se faz em alguns lugares a tradicional benção do gado. Em Viveiros, Boticas, em frente do Santuário do Divino Salvador, junta-se todo o gado bovino da região para receber, em dia de festa, a benção ritual. No dia da festa em alguns santuários regionais, é habitual conduzirem em romaria os rebanhos de cabras e ovelhas para darem volta ao redor da capela. O mesmo se faz com os bois, que levam quase sempre, nos chifres, um saco de cereal para oferecer ao Santo. Na matança dos porcos, reserva-se geralmente fumeiro ou alguma peça de carne para o Santo a que se confiou a protecção do animal. Também é vulgar oferecer ao santo protector, galinhas, cabritos, cordeiros, havendo em alguns santuários casa para recolher e guardar os animais oferecidos no dia da festa. Nas obras de arte cristã, arquitectura, escultura e pintura, aparece, com frequência, a simbologia animal. Este assunto mereceu a atenção de inúmeros estudiosos<sup>80</sup>.

Concluimos estas considerações sobre um tema interessante, que poderiam desenvolver-se mais largamente. Os animais, nas suas inúmeras espécies e variedades, dotadas de extraordinários instintos e capacidades, são as criaturas mais próximas do homem. São mencionados a cada passo nas páginas da Sagrada Escritura e muitos santos tratam-nos com muito carinho e afecto. Não é, pois, de admirar que a gente simples do nosso povo agradeça a Deus os inestimáveis serviços que eles prestam e, em orações, promessas e romarias, peçam a sua guarda e conservação.

<sup>78</sup> Ver TEÓFILO BRAGA, *Contos tradicionais*, II, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987, 70.

<sup>79</sup> *Leggenda Aurea*, I, 237.

<sup>80</sup> Cf. E. MÂLE, *L'art religieux du XII siècle en France s.l.* Libr. Colin, s.d.; *L'art religieux du XII siècle en France s.l.*, Libr. Colin, s.d.; *L'art religieux de la fin du Moyen Age en France s.l.*, Libr. Colin, s.d.; HILTGART L. HELLER, *Reclams Lexikon der Heiligen und der Biblischengestalten*; GASTON DUCHET-LUCHAUX MICHEL PASTOUREAU, *La bible et les Saints—Guide iconographique*, (Flammarion), *Bibliotheca Sanctorum*, publicado pelo Istituto Giovanni XXIII della Pontificia Università Lateranense, *Lexikon der Christlichen Ikonografie*, (Herder)—Nestes autores vem indicada interminável bibliografia.

## Bibliografia

R. J. GARCIA AVILES, *Llamados a ser libres—No la Ley, sino el hombre*, Ciclo B, Cordoba, ed. El Almendro, 1990, 282 pp.

Como é indicado no sub-título deste livro, estamos perante um comentário das leituras da liturgia dominical do Ciclo B.

Este é o segundo volume com o mesmo título e do mesmo autor. Trata-se de breves homilias, com um estilo vivo, popular, adaptadas à cultura actual do grande público que frequenta as nossas igrejas. Um livro interessante, portanto, para os agentes de pastoral que, ao domingo ou noutras festas, terão que dirigir a palavra ao público presente.

HERCULANO ALVES

LUÍS FIGUEIREDO TOMÉ, *Evangelho de S. Tomé*, apres. trad. e comparação com os livros bíblicos, Lisboa 1990, Vettori editora, 70 pp.

Não percebemos a razão deste título («Evangelho segundo S. Tomé») porque não consta no original encontrado em Nag Hammadi, onde se lê simplesmente PEUANGELION PKATA THOMAS, ou seja «Evangelho segundo Tomé». O facto de meter «Santo» no título enferma de dois erros: por um lado, não se encontra no original; e, em segundo lugar, pode levar a confusões na mentalidade de muitos leitores que desconhecem o sentido profundo dos *Quatro Evangelhos canónicos*, ou seja, inspirados pelo Espírito Santo e, assim reconhecidos oficialmente pela Igreja, desde sempre. Isto pode levar a confundir Evangelhos canónicos e apócrifos, como é o caso do *Evangelho segundo Tomé* (assim deveria chamar-se). Apesar do tradutor jurar que «convém, no entanto, não dar azo à confusão. O Evangelho de S. Tomé não é um Evangelho canónico como o de S. Mateus...» (p. 14). Mas, logo a seguir, afirma algo que soa mal a quem percebe um pouco do que é o Evangelho: «Mas por ser, também ele, um sinal da Palavra de Jesus, deve merecer a nossa atenção» (*ibidem*). Nesta frase há dois termos que soam, efectivamente, mal: «também» supõe que tem tanto valor este